

## LITERATURA INFANTIL AFRICANA E INDÍGENA: A CULTURA NA VOZ DO PERSONAGEM

Kerem Hapuque Fonseca da Silva<sup>1</sup>  
Alice de Oliveira Xavier<sup>2</sup>

### RESUMO

A figura do ancião, na sociedade, produz um baú de memórias do antigo no novo. Ele é o portador de saberes antigos, empíricos, para a contemporaneidade. Na Literatura, o conto surgiu para ser um portador escrito, eternizado e atemporal, da tradição oral, que transmite ritos, de geração em geração. O griô, portanto, se caracteriza na pessoa mais velha que narra histórias de ficção para que os ensinamentos sejam passados adiante. O trabalho pretende identificar a cultura presente na voz do personagem ancião de contos da literatura infantil africano e indígena. A pesquisa se caracteriza como qualitativa e exploratória, em que está apoiada no que Culler (1999) entende por literatura, Meireles (2016) sobre literatura infantil, Campos e Amarilha (2015; 2022) no conceito de literatura infantil negra e perpetuação da cultura na figura do griô, Chauí (1982) quanto à cultura e Thiél (2013) nas reflexões acerca da literatura dos povos indígenas. O *corpus* do estudo se configura em dois livros: Anansi, o velho sábio, de Kaleki e Gotting (2007), conto da tradição africana, que versa sobre a mitologia axânti e; A boca da noite, de Wapichana e Lima (2016), que traz elementos da cultura indígena do povo Wapichana, incluindo-se a sabedoria do personagem mais velho. Justifica-se a partir da necessidade de refletir sobre as implicações do trabalho com a Literatura para o cumprimento da Lei 10.639/2003, atualizada pela Lei 11.645/2008, que obriga o ensino da História e Cultura africana e indígena na sala de aula. Nas análises dos contos foi observado que em ambas as obras tem-se a imagem do ancião (homem) como o guardião da cultura, responsável por preservar os costumes e crenças. A contação de história pela figura do griô apresenta teor moral e educativo, seguindo a fórmula dos contos de exemplo de instruir e divertir.

**Palavras-chave:** Literatura Infantil, Griô, Cultura Africana, Cultura indígena.

### INTRODUÇÃO

Na maioria das comunidades africanas e indígenas, o ancião é visto como o portador dos saberes e essa atribuição lhe dá a responsabilidade de repassar seus conhecimentos para os mais novos, habitualmente, por meio da oralidade. Assim, esses conhecimentos repassados revelam a perpetuação da cultura desses povos, sendo preservados de geração em geração

---

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, [kerem.silva.110@ufrn.edu.br](mailto:kerem.silva.110@ufrn.edu.br);

<sup>2</sup>Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, [alice.xavier.116@ufrn.edu.br](mailto:alice.xavier.116@ufrn.edu.br);

(Campos; Amarilha, 2022; Thiél, 2013). Ao representante da comunidade que atua como baú de memórias e é responsável pela transmissão de ritos é atribuído o título de griô (Campos; Amarilha, 2022).

Dessa forma, o presente trabalho “Literatura Infantil Africana e Indígena: A cultura na voz dos personagens” tem como objetivo identificar a cultura presente na voz do personagem ancião de contos da literatura infantil africana e indígena.

A pesquisa se justifica pela pouca adesão à Lei 10.639/2003, atualizada pela Lei 11.645/2008, que obriga o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e indígena no ensino fundamental e médio do país (Brasil, 2008) e pela necessidade de se debater acerca do assunto no sentido de romper com o desconhecimento acerca da contribuição da história e da cultura africana e indígena na sociedade brasileira.

Não é de hoje que o racismo, a discriminação racial e o preconceito se fazem presentes na sociedade (Almeida, 2020). Essas problemáticas contêm raízes históricas que, infelizmente, ainda perpassam os dias atuais, se alastrando em muitas esferas sociais, inclusive, na escola. Partindo disso, para enfrentar possíveis situações que venham surgir em sala de aula, é necessário que se tenha profissionais capacitados para que, a partir da mediação intencional, a identidade negra e indígena ganhe espaço nas discussões, aprofundamentos e, sobretudo, reconhecimento, pois acredita-se, assim como Amarilha e Campos (2015, p. 144), que a escola possui papel fundamental nesse processo de valorização da identidade ao “[...] propiciar aos aprendizes o contato com representações positivas de negros de sua cultura que [possam] ajudá-los a superar os estereótipos consolidados na cultura nacional hegemônica.” E amplia-se esse pensamento para a necessidade de se ter representação das diversas etnias, também a indígena, que constituem a diversidade cultural brasileira.

Assim, a escola pode desfrutar da literatura em seu poder transformador ao explorar livros de literatura infantil africana e indígena, proporcionando o contato com a diversidade cultural. Além disso, há a possibilidade de formar leitores que ajam no mundo de maneira consciente (Amarilha, 2021). No desafio de se ler literatura infantil negra e indígena é que encontra-se uma razão de esperança (Freire, 1992), proporcionada por uma pedagogia que oferece oportunidade de uma leitura reflexiva, crítica e transformadora.

Desse modo, este trabalho analisa, em um livro de Literatura Infantil Negra e outro da Literatura Infantil Indígena, a figura desses anciãos, que carregam consigo a memória de seus antepassados, sendo estes, portadores de ancestralidade e cultura que, por meio da contação de história a seus descendentes, repassam seus costumes e preservando as tradições de seus povos, de geração em geração.

Além disso, tenciona observar como essas culturas estão representadas por meio das linguagens visual e verbal, na qual essas linguagens colaboram e trabalham em conjunto visando um sentido comum (Linden, 2011), que é expressar os costumes, valores e as tradições culturais (Chauí, 1982).

## METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, bibliográfica e exploratória. Essa abordagem foi escolhida visando a análise e exploração da cultura africana e indígena nos livros de literatura infantil por meio de levantamentos acerca da literatura e a formação do leitor.

O trabalho teve seu início por meio de um levantamento bibliográfico em livros, artigos, dissertações e teses que concerne às temáticas de racismo e preconceito, Literatura Infantil africana e indígena, arte de contar histórias nas culturas africanas e indígenas, representações imagéticas e conceituais, memória e, por fim, educação étnico-racial.

Posto isto, foi feita a seleção de obras literárias que foram lidas a fim de efetuar a formulação do repertório e composição do *corpus* deste estudo. Para isso, foi realizada uma pesquisa aprofundada através da leitura de livros de Literatura Infantil Negra e Indígena nos acervos das bibliotecas da UFRN, nos grupos de estudo promovido pelo Grupo de Pesquisa Ensino e Linguagem, nas pesquisas digitais e em artigos.

Após o levantamento, foram selecionadas duas obras para a análise aqui proposta, uma acerca da Literatura Infantil Negra e a outra de Literatura Infantil Indígena:

- a) Anansi, o velho sábio – Recontado por Kaleki, ilustrado por Jean-Claude Götting e traduzido por Rosa Freire Aguiar. Conto africano, publicado em 2007 pela editora Companhia das Letrinhas, narra sobre como as histórias chegaram ao mundo, por meio do personagem na figura do griô.
- b) A boca da noite – Do autor indígena Cristino Wapichana, do povo Wapichana, no estado de Roraima, ilustrado por Graça Lima. Conto indígena, publicado em 2016 pela editora Zit, tem seu enredo em torno de uma criança curiosa que quer descobrir algo que o seu pai – que leva a característica do contador de história – contou, e nessa tentativa, apresenta vários aspectos culturais de seu povo.

A escolha das obras se deu através dos seguintes critérios:

- a) Ter a figura do contador de história presente no conto, seja em função de narrador ou como personagem.
- b) Trazer a representatividade africana/indígena expressa tanto na narrativa verbal dos personagens quanto na narrativa visual.
- c) Possuir aspectos culturais na narração.

Na análise das obras será observado como se apresenta a figura do contador de história, considerando as linguagens verbal e visual, como os valores culturais da memória estão associados aos personagens mais velhos e quais as possibilidades desse personagem favorecer à formação do leitor em questões étnico-raciais.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A literatura é a arte que brinca com as palavras, importando-se não apenas com o que é dito, como também, e em primeiro plano, com a forma como é dito e o que isso influencia na recepção do texto. Portanto, a “literatura é linguagem na qual os diversos elementos e componentes do texto entram numa relação complexa” (Culler, 1999, p. 36). Sendo, ainda de acordo com o autor, “[...] um evento linguístico que projeta um mundo ficcional que inclui falante, atores, acontecimentos e um público implícito [...]” (Culler, 1999, p. 37), ela pode ser considerada como a linguagem em primeiro plano e sua integração para o sentido, como ficção e como objeto estético.

A literatura infantil faz parte dessa literatura geral, mas está implicada na escolha que a criança faz, no que é agradável a ela, não sendo o que o adulto escreve para ela (Meireles, 2016). A denominação Literatura Infantil Negra (LIN), por sua vez, abarca obras literárias que abordam temas étnico-raciais de origem africana, dando voz e reivindicando a história e cultura dos povos negros, tanto na diáspora como no continente africano (Amarilha; Campos, 2015). Já a Literatura Infantil Indígena, de acordo com Thiél (2013), é aquela produzida pelos próprios indígenas.

De acordo com Cecília Meireles (2016, p. 14), essa arte não depende apenas do registro escrito, já que

A literatura precede o alfabeto. Os iletrados possuem a sua Literatura. Os povos primitivos, ou quaisquer agrupamentos humanos alheios ainda às disciplinas de ler e escrever, nem por isso deixam de compor seus cânticos, suas lendas, suas histórias; e exemplificam sua experiência e sua moral com provérbios, adivinhações, representações dramáticas - vasta herança literária transmitida dos tempos mais remotos, de memória em memória e de boca em boca.

A arte de contar histórias é bastante presente nas culturas indígenas e africanas. Nessas culturas, a prática da transmissão de saberes dos mais velhos para os mais novos dava-se por meio da tradição oral. Na cultura africana, a figura do ancião, conhecido culturalmente como “Griot”, é de extrema importância, pois ele é o responsável por ser o guardião da memória e

por repassar a cultura para os mais novos, conservando-a de geração em geração. Segundo Gonçalves (2009, p. 170), os griots “possuíam uma importância tão grande na cultura africana que eram poupados pelos próprios inimigos nas situações de guerra, pois sua função era a de transmitir as lendas, os ensinamentos, as histórias de vida de uma geração à outra”. Sobre a arte de contar histórias, Meireles (2016, p. 29) diz:

[...] implica [...] uma especialização. Escolhem-se os mais aptos para o ofício, como quem diz: uma seleção profissional. A boa memória, o talento interpretativo e inventivo, – a imaginação, a mímica, a voz, toda uma arte de representar – a capacidade de utilizar oportunamente o repertório faz dos contadores de histórias, ainda hoje, personagens indispensáveis a determinados ambientes.

Dessa forma, nota-se que a figura do griô possui uma atribuição de respeito, pois além de serem poupados de guerras, como dito acima, por ser alguém mais velho e de grande importância, sendo até selecionados profissionalmente, lhe é designada a incumbência de ser alguém sábio, digno de confiança e entendimento. De acordo com Querino (2019, p. 38), os griôs são “uma verdadeira biblioteca humana, um preservador da palavra e dos costumes que eram passados de geração para geração”.

Na cultura indígena não é diferente, a prática da tradição oral era utilizada para (re)passar os conhecimentos e disposta como forma de manter vivas as tradições culturais dos seus povos. Noronha e Gomes (2018, p. 26) afirmam que comumente “o patriarca ou o mais velho era o contador, o qual resgatava de sua memória e vivências, as histórias a serem narradas”. Observa-se o que Meireles (2016, p. 30) conta sobre a importância da literatura como janela (Bishop, 1990), permitindo o contato com as diversas culturas e saberes:

O negro na sua choça, o índio na sua aldeia, o lapão metido no gelo, o príncipe em seu palácio, o camponês à sua mesa, o homem da cidade em sua casa, aqui, ali, por toda parte, desde que o mundo é mundo, estão contando uns aos outros o que ouviram contar, o que lhes vem de longe, o que serviu a seus antepassados, o que vai servir a seus netos, nesta marcha da vida.

Compreende-se por cultura o que Marilena Chauí (1982, p. 57) dispõe:

entendida como produção e criação da linguagem, da religião, da sexualidade, dos instrumentos e das formas do trabalho, das formas da habitação, do vestuário e da culinária, das expressões de lazer, da música, da dança, dos sistemas de relações sociais, particularmente os sistemas de parentesco ou a estrutura da família, das relações de poder, da guerra e da paz, da noção de vida e morte. A cultura passa a ser compreendida como o campo no qual os sujeitos humanos elaboram símbolos e signos, instituem as práticas e os valores, definem para si próprios o possível e o impossível, o sentido da linha do tempo (passado, presente e futuro), as diferenças no interior do espaço (o sentido do próximo e do distante, do grande e do pequeno, do visível e do invisível), os valores como o verdadeiro e o falso, o belo e o feio, o justo e o injusto, instauram a idéia de lei, e, portanto, do permitido e do proibido, determinam o sentido da vida e da morte e das relações entre o sagrado e o profano.

Ler literatura infantil negra e indígena em contexto escolar como possibilidade de reflexão de questões que fazem parte da sala de aula e, por extensão da sociedade, por meio do suporte livro ilustrado, revela o poder que as representações conceituais e imagéticas provocam em seus leitores. De acordo com Stierle (2002, p. 121), “A recepção abrange cada uma das atividades que se desencadeia no receptor por meio do texto, desde a simples compreensão até a diversidade das reações por ela provocadas”.

Dessa forma, a literatura é um caminho de transformação, pois, por meio da sua natureza comunicativa, o leitor, ao vestir as máscaras do texto literário, estabelece relações do factual com o ficcional, possibilitando a comunicação e o levando a se situar “em relação à sua própria vida, expandindo os horizontes da leitura para além do texto em si, em direção à realidade.” (Amarilha; Campos, 2015, p. 148).

Diante disso, ao ter contato com o mundo literário, o leitor responde ativamente à significação textual. Dada sua natureza simbólica, lúdica, comunicativa (conforme entende a estética da recepção), a literatura oferece conhecimento, prazer e de ensaio geral para a vida e, em assim sendo, possibilita mudanças de horizontes (Zilberman, 2008). Além disso, “se cada um conhecer bem a herança tradicional do seu povo, é certo que se admirará com a semelhança que encontra, confrontando-a com a dos outros povos. [...] é um humanismo básico, uma linguagem comum, um elo entre as raças e entre os séculos.” (Meireles, 2016, p. 46). O reconhecer-se em si e no outro contribui para as relações humanas interpessoais e intrapessoais, favorecendo a identidade própria e de pertencimento a uma cultura, sendo ciente sobre a diversidade existente.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Goff em sua obra “História e Memória” (1990, p. 371), ao adentrar no campo sobre a memória, afirma que, nas sociedades sem escrita “há especialistas da memória, homens-memória: ‘genealogistas’, [...] historiadores da corte [...]”. Por não haver escrita, era por meio da linguagem falada que o “outro” teria acesso ao que estava armazenado na memória do contador de história e, assim, teria acesso aos saberes culturais.

Assim, é notória a relevância do papel desse ancião, conhecido como o guardião da memória, e a sua função de utilizar sua linguagem falada como forma de conservar os aspectos culturais dessa sociedade. Esse personagem presente em contos de Literatura Infantil Negra e Indígena é o foco principal da análise e discussão nas duas obras abaixo.

## **Anansi, o velho sábio**

“Anansi, o velho sábio” é um conto etiológico, narra como as histórias chegaram à terra. Quando não havia histórias para contar no mundo, o deus do céu Nyame as guardava todas em um baú. Kwaku Anansi, a primeira aranha, vivia, como os outros animais, querendo ter acesso às histórias.

Certo dia, foi até o deus do céu que lhe deu uma condição: para obter as histórias, era necessário que Anansi o levasse quatro criaturas inatingíveis - Onini, o píton que engole um homem de uma só vez; Osebo, o leopardo que tem dentes como sabres; Mmoboro, o enxame de zangões que pululam e picam; e Mmoatia, a fada que nunca se vê. Anansi aceita o desafio e vai em busca de capturar as quatro criaturas que Nyame havia pedido. Para isso, ele busca auxílio de sua mulher, Aso, que diz exatamente o que e como fazer. Depois de enganar todas as criaturas, Anansi consegue capturá-las e as leva ao deus do céu, que lhe entrega o baú com as histórias.

Assim, Anansi e Aso ficam responsáveis por contar essas histórias que, antes, ficavam trancafiadas no baú. Nessa perspectiva, ele exerce a figura do griô e passa a recontar essas histórias para as crianças da comunidade, sentadas ao chão e ouvindo sobre os contos e lendas que Anansi e sua mulher tinham para contar, inclusive, a história de como as histórias chegaram à terra.

Nesta obra, são apresentados diversos indicativos acerca do papel do griô. O próprio título já revela as características principais de um griô: ser ancião e ter sabedoria. Ele inicia a história como se houvesse um contador por trás da narrativa e por meio da frase “meu filho”, indicando que alguém mais velho está na função de narrar a história para alguém mais novo. Revela, ainda, que o griô é um ancião quando afirma que Nyame “viu o frágil velhinho de membros filiformes” (Kaleki, 2007 p. 6). Além disso, a ilustração denota características de alguém mais velho, percebido pelas marcas de rugas no rosto do personagem e pelo cajado que ele segura. E por fim, essa característica é incontestável ao final da história, quando é revelado que o próprio Anansi é quem está contando a história, evidenciando, assim, o seu papel de griô.

É perceptível que o papel do contador de histórias tem uma grande relevância, pois apresenta aspectos do griô alcançando a comunidade de forma coletiva e repassando sua sabedoria por meio da narrativa das lendas, contos e fábulas, reafirmando o valor do papel do griô para os povos africanos. Assim, “o que um griô narra tem a força de representar quase uma voz sagrada, já que a comunidade lhe atribui essa aura que também é mítica, digamos

assim, e por isso tem um poder e uma força incontestáveis” (Sisto, 2013, p. 8).

A relação entre texto e imagem presente na obra é, segundo Linden (2011, p. 121), de colaboração, visto que “textos e imagens trabalham em conjunto em vista de um sentido comum”. Dessa forma, durante toda a trajetória da obra “Anansi, o velho sábio”, o visual age complementando o verbal. Logo no início da narrativa, o autor afirma que “Kwaku Anansi percorria o mundo todo, viajando fio em fio na sua teia sólida” (Kaleki, 2007, p. 4), seguido de uma imagem pequena de um homem com roupa branca e cabelos que parecem pernas de uma aranha e na página ao lado, há uma figura de uma aranha em sua teia, com o corpo branco. Essa articulação demonstra a sua natureza colaborativa entre texto e imagem.

Na linguagem visual, também se observam elementos das culturas africanas. Ao final da história, as crianças sentam juntos à uma árvore para ouvir as histórias contadas pelo griô, que é algo comum nas culturas africanas. Os personagens são ilustrados no tom de pele negro, a vestimenta de Aso apresenta elementos africanos refletidos no grafismo, nas cores das estampas e no turbante que usa, como também a presença de atributos da natureza, como os animais e as árvores, simbolizando a savana, que é característica de grande parte do Continente Africano. Toda a ambiência das histórias reforça a verossimilitude e a identidade por onde circula o griô e de onde retira a matéria de suas narrativas.

Uma característica fundamental do griô, personagem foco deste estudo, é a memória. Essa memória que não é automatizada, palavra por palavra, mas algo que vai sendo reconstruído de geração em geração (Goff, 1990). Esse processo é próprio da atividade do griô, enquanto narrador, que ao mesmo tempo que retoma uma história acrescenta novos elementos dependendo da circunstância do grupo a que se dirige e da sua própria capacidade de improvisação.

### **A boca da noite**

É um conto que narra sobre a vida do povo Wapichana. Kupai e seu irmão Dum sobem no alto da laje do trovão, para verem “o sol entrando no rio para se banhar” (Wapichana, 2016, s.n). Porém, apesar de ser um lugar bonito onde era possível ver toda a aldeia de lá, era um lugar perigoso e as crianças não podiam ir. Quando Dum e seu irmão mais novo, Kupai, descem da laje, eles percebem: foram descobertos!

O pai, preocupado, já começa falando dos perigos e do que poderia ter acontecido, e os manda tomar banho com os jovens, já que os meninos já tinham ido. Kupai já sabia que não haveria apenas essa conversa, mas que eles ainda teriam uma punição, ao chegar em casa o pai anunciou que ele carregaria água por alguns dias e Dum iria para a roça com o pai durante



a semana, permitindo que eles brincassem juntos apenas nos horários de banho.

Kupai é uma criança curiosa e muito imaginativa, pois não parava de pensar sobre o que acontecia com o sol quando ele entrava no rio para tomar banho, se dormia ali ou se respirava embaixo da água.

Após o momento do jantar, que “mais do que uma refeição, o jantar era o encontro da família após as atividades do dia” (Wapichana, 2016, s.n), o pai, começou a contar uma história sobre a laje do trovão. Kupai nem estava prestando atenção na história, mas quando ouviu falar sobre a ‘boca da noite’, logo acordou todos os sentidos.

Kupai ficou reflexivo para saber o que seria essa boca da noite e acabou sonhando com a boca da noite devorando toda a aldeia. No dia seguinte, todos olhavam para ele, que teve que contar com detalhes para toda a família à beira do fogo sobre o que tinha acontecido na noite anterior. Mas Kupai insistia em entender mais sobre a boca da noite, pois ele tinha muitas perguntas sem resposta. O pai explica que a boca da noite era o período que dividia o mundo do dia e o mundo da noite, mantendo o equilíbrio da vida.

Porém, essa explicação não diminuía as inúmeras dúvidas que Kupai tinha e ele finaliza afirmando que “é... melhor esperar sol tomar banho de novo. Acho que ele tem alguma coisa a ver com isso. Vou perguntar sobre a boca da noite e, se ele não me responder, vou perguntar pra própria boca da noite!” (Wapichana, 2016, s.n).

Na obra, é possível visualizar diversos aspectos culturais, tanto por meio da narrativa verbal quanto visual, mediante as ilustrações que carregam características marcantes da cultura indígena.

Apesar de não ter a figura do mais velho relembrando quais são os aspectos culturais, os personagens demonstram já conhecer e viver com base nesses valores culturais de forma intrínseca, como afirma Noronha e Gomes (2018, p. 31), “A psique humana é composta por um reservatório de ideias e conceitos do inconsciente que são transmitidas a todas as gerações”. Dessa forma, as ações como: a rotina do banho, o momento do refeição, o momento de se reunirem à beira do fogo para contar histórias e o ato contar uma história como forma de instruir, pois o próprio Kupai afirma que se eles não tivessem subido na laje do trovão, a história contada pelo pai seria outra, expressam os valores culturais que já fazem parte desse reservatório.

Vale salientar um outro aspecto cultural importante, quando Kupai quer saber mais sobre a boca da noite e ele relata que o seu avô dizia que “se a gente não conseguisse resposta para um problema importante, somente os sonhos poderiam responder” (Wapichana, 2016, s.n), mas para sonhar, era preciso tomar um chá de ervas dos sonhos. Apesar do pai ser a

principal figura do mais velho que repassa esse saber, nesse trecho, é notório que o avô também possui uma figura do sábio que repassa os saberes culturais para os mais novos, dessa forma, com teor moral e educativo, seguindo a fórmula dos contos de exemplo de instruir e divertir.

Com isso, as duas histórias evidenciam componentes relevantes das culturas por meio da voz de seus personagens, levando seus leitores a experimentar emoções e sentimentos de outras culturas por meio da literatura.

Desse modo, as obras literárias favorecem a formação do leitor nas questões étnico-raciais, uma vez que, ao promover o contato dos aprendizes com os contos, permitirá que eles mergulhem nas culturas aqui apresentadas, tanto por meio da narrativa verbal, quanto visual, formando, assim, leitores conscientes da sua ancestralidade e que valorizam os aspectos culturais que tanto contribuem para a cultura brasileira.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As obras analisadas apresentam potencial para a formação do leitor no que se refere às questões étnico-raciais, pois leva-o a adentrar no mundo do narrador, a envolver-se em suas memórias, mergulhar nas histórias contada por eles e vivenciar, por meio da imaginação, aspectos das culturas apresentadas através da oralidade dos contadores. Por meio dessas leituras é possível conhecer e fazer parte dessas culturas.

Dessa forma, ter acesso a obras que apresentem aspectos culturais, em suas representações conceituais e imagéticas, é algo valioso pois leva o leitor a construir sentido por meio do reconhecimento de sua bagagem social e cultural, reconhecendo-se como parte da experiência ficcional, focalizada na identificação dos aprendizes com personagens ficcionais de forma a contribuir para a sua formação social, cultural e identitária. Crianças leitoras de outras etnias podem também se beneficiar do conhecimento sobre outras culturas, ampliando sua visão de mundo sobre as diferentes possibilidades em que o ser humano vive.

Portanto, encontra-se na literatura um caminho de transformação de horizonte, proporcionando o contato dos leitores com aspectos das culturas africanas e indígenas em uma perspectiva de fazer com que os aprendizes conheçam, se reconheçam e valorizem os aspectos culturais que tanto influenciam a cultura brasileira.

Para isso, é necessário que a escola seja um ambiente promotor de práticas e estratégias que valorizem a cultura africana e indígena e eliminem as práticas racistas e preconceituosas que perpassam o ambiente escolar. Ademais, promover essa temática por meio da literatura de forma positiva, é um meio de mudar a visão estereotipada sobre os negros e os povos

originários na cultura nacional hegemônica.

Dessa forma, as obras analisadas neste trabalho possuem fortes características de suas culturas, expostas por meio das vozes dos personagens mais velhos, os guardiões da memória e da cultura.

É necessário que os professores também assumam essa função de “griot/ contador de história”, para que possam transmitir, enquanto mediadores mais experientes, uma educação antirracista, rompendo com o silêncio acerca da diversidade étnico-racial, com o racismo, preconceito e a discriminação social (Campos; Amarilha, 2022).

Para isso, é fundamental que os mediadores tenham formação específica para lidar com possíveis questões que venham a surgir, tendo como princípio norteador de sua intencionalidade pedagógica, a valorização da identidade negra e indígena, a fim de consolidar a legislação do país, de contribuir para diminuição dos casos de racismo e preconceito no ambiente escolar e, ainda, de formar sujeitos que ajam no mundo de maneira consciente e transformadora.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. 5ª reimp. São Paulo: Editora Jandaira, 2020.

AMARILHA, Marly; CAMPOS, Wagner Ramos. **A formação em literatura e a construção das identidades negras no ensino fundamental I**. Nuances, v. 26, 2015.

AMARILHA, Marly. Literatura em Pedagogia? Isso não é coisa de Letras? Em busca do elo perdido na formação dos primeiros professores. In: **Ensino da Literatura no contexto contemporâneo**. Mercado de Letras: São Paulo, 2021.

BISHOP, R. S. **Mirrors, Windows, and sliding glass doors**. 1990. Disponível em:

<https://scenicregional.org/wp-content/uploads/2017/08/Mirrors-Windows-and-Sliding-Glass-Doors.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2017.

BRASIL. **Lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, 2003.

BRASIL. **Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, 2008.

CAMPOS, Wagner Ramos. AMARILHA, Marly. **Os griôs aportam na escola: ler e discutir literatura infantil negra no ensino fundamental**. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2022.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Cultura e democracia**. São Paulo: Moderna, 1982.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

GONÇALVES, Marta. O griot e o areôtorare em Agostinho Neto e Lobivar Matos. In: **Griots - culturas africanas: linguagem, memória, imaginário** / Organizadores: Tânia Lima, Izabel Nascimento, Andrey Oliveira. 1. ed. Natal: Lucgraf, 2009. Disponível em:<[https://muralafrica.paginas.ufsc.br/files/2011/11/griots\\_livro.pdf](https://muralafrica.paginas.ufsc.br/files/2011/11/griots_livro.pdf)>. Acesso em: 8 mai. 2023.

KALEKI. **Anansi, o velho sábio** / um conto axânti recontado por Kaleki; ilustrações de Jean-claude Götting; traduções de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2007.

LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 4. ed. São Paulo: Global, 2016.

NORONHA, A. S; GOMES, G. K. **O significado arquetípico do indígena contador de histórias: uma abordagem etnográfica**. Rev. Memorare, Tubarão, v.5, n.1, p. 24-41 jan./abr. 2018. Disponível em:<[https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/memorare\\_grupep/article/view/6286](https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/memorare_grupep/article/view/6286)>.

QUERINO, Mara. **Representações de personagens meninas na literatura infantil negra**. Orientador: Marly Amarilha. 2019. 62 f. TCC (graduação) - Curso de Pedagogia, Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em:<<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/42347>>. Acesso em: 28 ago. 2023.

SHIKIDA, Aparecida Maciel da Silva. **Informação, história e memória: a constituição social da informação em relatos orais**. Belo Horizonte. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, UFMG, Belo Horizonte. Disponível:<<https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/23733/19200>>.

SISTO, Celso. **Do griô ao vovô: o contador de histórias tradicional africano e suas representações na literatura infantil**. Nau Literária, 2013.

STIERLE, Karlheinz. Que significa a recepção de textos ficcionais. IN: LIMA, Luiz Costa. **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002

THIÉL, Janice Cristine. **A literatura dos povos indígenas e a formação do leitor multicultural**. Revista Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 4, out./dez. 2013.

WAPICHANA, Cristino. **A boca da noite**. Ilustrações de Graça Lima. Rio de Janeiro: Zit, 2016.

ZILBERMAN, Regina. **O papel da literatura na escola**. Via Atlântica, n. 14, p. 11-22, 22 dez. 2008.